

entre os gramados extensos e sob os ramos entrelaçados dos álamos altos. Atrás da casa, as coisas eram ainda mais espaçosas do que na frente. Havia grandes estábulos, onde uma dúzia de cavalariços e rapazes serviam, fileiras de cabanas de trabalhadores forradas de videiras, uma linha interminável e organizada de edificações externas, longas carreiras de parreiras, pastos verdes, pomares e canteiros de frutas silvestres. Depois, havia a usina de bombeamento para o poço artesiano e o grande tanque de cimento, onde os meninos do juiz Miller davam o mergulho matinal e se refrescavam nas tardes mais quentes.

E sobre esse grande domínio, Buck reinava. Aqui ele nasceu e aqui viveu os quatro anos de sua vida. É verdade, havia outros cães. Não podia deixar de haver outros cães em um lugar tão amplo, mas eles não contavam. Eles iam e vinham, moravam nos canis populosos ou viviam obscuramente nos intervalos entre as casas como faziam Toots, o pug japonês, ou Ysabel, a mexicana sem pelos, criaturas estranhas que raramente colocavam o nariz fora de casa ou os pés na terra. Por outro lado, havia os fox terriers, pelo menos uns vinte deles, que gritavam ameaçadoramente para Toots e Ysabel, que olhavam assustados para eles através das janelas e eram protegidos por uma legião de criadas armadas com vassouras e esfregões.

Mas Buck não era um cão doméstico nem um cão de canil. Todo o reino era dele. Ele mergulhava no tanque de natação ou ia caçar com os filhos do juiz; acompanhava Mollie e Alice, as filhas do juiz, em longas caminhadas ao crepúsculo ou pelas manhãs; nas noites de inverno, ele se deitava aos pés do juiz diante da lareira que crepitava na biblioteca; carregava os netos do juiz nas costas ou rolava com eles na grama e protegia seus passos em aventuras selvagens até a fonte no pátio do estábulo e, mais além, onde ficavam os piquetes e os canteiros de frutas vermelhas. Entre os terriers, ele os perseguia imperiosamente, e Toots e Ysabel, Buck ignorava totalmente, pois ele era o rei, dominando todas as coisas furtivas, rastejantes e voadoras da casa do Juiz Miller, incluindo os humanos.

Seu pai, Elmo, um enorme são-bernardo, tinha sido o companheiro inseparável do juiz, e Buck decidiu seguir os caminhos do pai. Ele não era tão grande, pesava apenas sessenta e quatro quilos, porque sua mãe, Shep,

era uma cadela pastor escocesa. No entanto, sessenta e quatro quilos, aos quais foi adicionada a dignidade que vinha de uma boa vida e do respeito universal, permitiram que ele se portasse como um membro da realeza. Durante os quatro anos desde sua infância, ele viveu a vida de um aristocrata satisfeito; tinha um grande orgulho de si mesmo, era até um pouco egoísta, como os cavalheiros do campo às vezes se tornam, por causa de sua situação de isolamento. Mas ele conseguiu se salvar por não ter se transformado em um cão doméstico e mimado qualquer. A caça e as delícias da vida ao ar livre o ajudaram a manter sua taxa de gordura baixa e seus músculos fortalecidos; e para ele, apesar das corridas para fugir dos banhos gelados de mangueira, o amor pela água era um tônico que preservava a sua saúde.

E assim era o cão Buck no outono de 1897, quando a conquista de Klondike arrastou homens de todo o mundo para o Norte gelado. Mas Buck não lia os jornais e não sabia que Manuel, um dos ajudantes do jardineiro, era uma companhia perigosa. Manuel tinha um pecado recorrente. Ele adorava apostar na loteria chinesa. Além disso, em seu vício em jogos, ele tinha uma fraqueza persistente: a fé em um método, que garantiria sua vitória; e isso tornava sua derrota praticamente certa. Pois jogar através de uma sistemática requer dinheiro, enquanto o salário de um ajudante de jardineiro não cobria nem as necessidades de sua esposa e de uma prole numerosa.

O juiz estava ausente para uma reunião da Associação de Vinicultores e os meninos estavam ocupados organizando um torneio de atletismo, na noite memorável da traição de Manuel. Ninguém o viu sair com Buck pelo pomar, para o que Buck imaginava ser apenas um passeio. E com exceção de um homem solitário, ninguém os viu chegar à pequena estação férrea de bandeira<sup>1</sup> conhecida como College Park. Esse homem falou com Manuel e algum dinheiro foi negociado entre eles.

– Você pode embrulhar a mercadoria antes de entregá-la – disse o estranho rispidamente, e Manuel passou um pedaço de corda forte em volta do pescoço de Buck, sob a coleira.

---

<sup>1</sup> Do original inglês “flag station”, estação de trem remota e com pouco movimento, onde as composições só paravam quando havia uma bandeira erguida pelo chefe da estação. (N.T.)

– Torça a corda e você conseguirá enforcar o suficiente –, disse Manuel, e o estranho resmungou uma resposta pronta.

Buck aceitou a corda com uma dignidade silenciosa. Sem dúvida, esse era um procedimento incomum: mas aprendera a confiar nos humanos que conhecia e a dar-lhes crédito por uma sabedoria ancestral, que ultrapassava a sua própria. Mas quando a ponta da corda foi colocada nas mãos do estranho, rosnou ameaçadoramente. Ele estava apenas insinuando seu desagrado, em seu orgulho, crendo que intimidar era comandar. Mas, para sua surpresa, a corda se apertou em volta do pescoço, interrompendo sua respiração. Em um acesso de raiva, ele saltou sobre o homem, que o interceptou no meio do caminho, agarrou-o bem perto pelo pescoço e com um giro rápido o jogou de costas. Então, a corda se apertou impiedosamente, enquanto Buck lutava furiosamente, a língua saindo da boca e o grande peito ofegando inutilmente. Nunca em toda sua vida tinha sido tratado com tamanha crueldade, e nunca tinha ficado tão zangado. Mas suas forças diminuíram, seus olhos ficaram vidrados e ele não via mais nada quando sinalizaram para o trem e os dois homens o jogaram no vagão de bagagem.

Quando voltou à consciência, teve uma vaga noção de que sua língua doía e que estava sendo levado por algum tipo de meio de transporte. O guincho rouco de uma locomotiva assobiando em um cruzamento disse-lhe onde estava. Buck tinha viajado muitas vezes com o juiz para não saber a sensação de andar em um vagão de bagagem. Ele abriu os olhos e neles brotou a raiva descontrolada de um rei sequestrado. O homem saltou para sua garganta, mas Buck foi ainda mais rápido. Suas mandíbulas se fecharam na mão, e não relaxaram, até que seus sentidos foram sufocados mais uma vez.

– Pois é, ele sofre de alguns ataques de nervos – disse o homem, escondendo a mão lacerada do cuidador das bagagens, que tinha sido atraído pelo barulho da luta. – Eu o estou levando a pedido do chefe para Frisco<sup>2</sup>. Um veterinário que é um craque, acredita que poderá curá-lo.

Sobre a viagem daquela noite, o homem falou eloquentemente por si mesmo, em um pequeno galpão nos fundos de um bar na orla marítima de São Francisco.

---

<sup>2</sup> Abreviação para a cidade de São Francisco, na Califórnia (N.T.).

– Tudo o que recebo são cinquenta por isso? – ele resmungou –, e eu não o faria de novo nem por mil dólares em dinheiro vivo.

Sua mão estava enrolada em um lenço ensanguentado, e a perna direita da calça estava rasgada do joelho ao tornozelo.

– Quanto aquele outro otário conseguiu? – o dono do bar perguntou.

– Cem – foi a resposta. – Não levarei nem um tostão a menos, então me ajude.

– Isso dá cento e cinquenta – calculou o dono do bar –, e tomara que valha a pena, ou eu me sentiria um trouxa.

O sequestrador desfez as ataduras ensanguentadas e olhou para a mão dilacerada:

– Se eu não pegar a tal da raiva dessa vez...

– Com certeza é porque seu destino será a forca – riu o dono do bar. – Aqui, me dê uma ajuda antes de arrastar a sua carga para fora –, acrescentou.

Atordoado, sofrendo uma dor insuportável na garganta e na língua, com a vida meio estrangulada para fora dele, Buck tentou enfrentar seus algozes. Mas foi jogado ao chão e sufocado várias vezes, até que eles conseguiram limar a pesada coleira de latão de seu pescoço. Em seguida, a corda foi removida e ele, jogado em uma caixa semelhante a uma gaiola.

Lá ele ficou pelo resto da noite cansativa, alimentando sua ira e seu orgulho ferido. Ele não conseguia entender o que tudo aquilo significava. O que queriam com ele, esses homens estranhos? Por que o estavam mantendo trancado neste caixote apertado? Ele não sabia o porquê, mas se sentia oprimido pela vaga sensação de calamidade iminente. Várias vezes durante a noite, levantou-se de um salto quando a porta do galpão se abriu, esperando ver o juiz, ou pelo menos os meninos. Mas todas as vezes era o rosto protuberante do dono do bar que o espiava sob a luz débil de uma vela de sebo. E a cada vez o latido alegre que se ensaiava na garganta de Buck se transformava em um rosnado selvagem.

Mas o dono do bar o deixou em paz e pela manhã quatro homens entraram e pegaram o caixote. Mais algozes, imaginou Buck, pois eram criaturas de uma aparência maligna, esfarrapadas e malcuidadas; e ele atacou e enfureceu-se com eles através das grades. Os homens apenas riram

e o cutucaram com pedaços de pau, ao que ele prontamente reagiu com os dentes até perceber que era isso que eles queriam. Depois, se deitou taciturno e permitiu que o caixote fosse colocado em uma carroça. Então ele e a caixa em que estava preso começaram uma passagem por muitas mãos. Funcionários do escritório de despachos se encarregaram dele; e foi carregado em outra carroça; um caminhão o levou, com uma variedade de caixas e pacotes, para o porão de um navio a vapor; depois foi transportado de caminhão do navio para um grande depósito ferroviário e, finalmente, foi colocado em um trem expresso.

Por dois dias e duas noites, esse trem expresso foi arrastado atrás de locomotivas barulhentas; e por dois dias e duas noites Buck não comeu nem bebeu. Em sua raiva, enfrentou os primeiros avanços dos mensageiros do expresso com rosnados, e eles retaliaram provocando-o. Quando Buck se jogava contra as barras, tremendo e espumando, eles riam dele e o insultavam. Rosnavam e latiam como cães odiosos, miavam, batiam os braços e cantavam. Era tudo muito idiota, ele sabia; mas, por isso mesmo, quanto maior o ultraje à sua dignidade, maior a sua raiva. Ele não se importava tanto com a fome, mas a falta de água lhe causava grande sofrimento e aumentava sua ira até o limite. Por falar nisso, temperamental e muito sensível, os maus tratos o haviam lançado em uma febre alta, alimentada pela inflamação de sua garganta e língua ressecadas e inchadas.

Ele estava feliz por uma coisa: a corda estava fora de seu pescoço. Isso dava aos mensageiros uma vantagem injusta; mas agora que Buck estava desamarrado, eles iriam provar do seu valor. Jamais colocariam outra corda em seu pescoço. Sobre isso ele estava decidido. Por dois dias e duas noites não comeu nem bebeu e, durante aqueles dois dias e noites de tormento, acumulou uma base de ódio que seria um mau presságio para quem quer que aparecesse primeiro diante dele. Seus olhos ficaram injetados e se metamorfoseou em um demônio furioso. Ele estava tão transformado que o próprio juiz não o teria reconhecido; e os mensageiros respiraram aliviados quando o desembarcaram do trem em Seattle.

Quatro homens carregaram cautelosamente a caixa da carroça para um pequeno quintal com muros altos. Um homem robusto, com um suéter

vermelho que caía generosamente no pescoço, saiu e assinou o recibo para o motorista. Aquele era o homem, Buck adivinhou, o próximo atormentador, e ele se atirou violentamente contra as grades. O homem sorriu secamente e trouxe uma machadinha e um porrete.

– Você não vai deixá-lo sair agora? – perguntou o motorista.

– Claro –, respondeu o homem, enfiando a machadinha na caixa para ser usada como alavanca.

Houve uma correria instantânea dos quatro homens que o carregaram e, de tábuas seguras no alto da parede e, de aquibancadas, eles se prepararam para assistir ao espetáculo.

Buck avançou sobre as lascas de madeira, cravando os dentes nelas, forçando e lutando para sair. Onde quer que a machadinha batesse do lado de fora, ele estava lá do lado de dentro, raivoso e rosnando, tão furioso para sair quanto o homem de suéter vermelho estava calmo e decidido a tirá-lo de lá.

– Muito bem, seu demônio de olhos vermelhos – disse ele, depois de fazer uma abertura suficiente para a passagem do corpo de Buck. Ao mesmo tempo, ele largou a machadinha e passou o porrete para a mão direita.

E Buck era realmente um demônio de olhos vermelhos, enquanto se recompunha para o ataque, pelos eriçados, boca espumando, um brilho louco nos olhos injetados de sangue. Direto sobre aquele homem, ele lançou seus mais de sessenta quilos de fúria, sobrecarregados com a raiva contida de dois dias e duas noites. Em pleno ar, quando suas mandíbulas estavam prestes a se fechar sobre o homem, recebeu um choque que fez seu corpo parar e cerrar os dentes com uma mordida agonizante. Ele se virou, apoiado no chão de costas e de lado. Ele nunca havia sido atingido por um porrete em sua vida e não entendeu o que tinha acontecido. Com um rosnado, que era parte um latido e mais um ganido, levantou-se novamente e se lançou no ar. E novamente o choque veio e ele foi jogado esmagadoramente no chão. Desta vez estava ciente de que foi outra vez o porrete, mas sua loucura não conhecia prudência. Uma dúzia de vezes atacou, e a cada vez o porrete interceptava o ataque e o tirava do combate.

Depois de um golpe particularmente violento, se levantou, tonto demais para avançar. Ele cambaleou sem controle, o sangue escorrendo do nariz,

da boca e das orelhas, seu belo casaco de pelos salpicado e manchado de baba ensanguentada. Então o homem avançou e deliberadamente deu-lhe um soco terrível no focinho. Toda a dor que suportara não era nada comparada à agonia requintada dessa ação. Com um rugido que parecia o de um leão em sua ferocidade, ele novamente se atirou contra o homem. Mas o homem, mudando o porrete da direita para a esquerda, friamente o pegou pela mandíbula, ao mesmo tempo puxando para baixo e para trás. O corpo de Buck desenhou um círculo completo no ar, e metade de um outro, e então caiu no chão com a cabeça e o peito.

Pela última vez, ele se levantou. O homem desferiu o golpe definitivo que havia guardado de propósito esse tempo todo, e Buck se encolheu e caiu, totalmente inconsciente.

– Esse não brinca em serviço quando precisa domar um cão –, gritou um dos homens da arquibancada com entusiasmo.

– Eu preferia domar cavalos selvagens todos os dias, e dois aos domingos –, foi a resposta do cocheiro, enquanto subia na carroça e partia com os cavalos.

Os sentidos de Buck voltaram, mas não sua força. Ele ficou deitado onde havia caído e, de lá, observou o homem de suéter vermelho.

– Ele atende pelo nome de Buck –, disse o homem em solilóquio, citando a carta do dono do bar que anunciava a entrega da caixa e do conteúdo. – Buck, meu caro – ele continuou com uma voz cordial –, tivemos nosso probleminha inicial, e a melhor coisa a fazer é deixar isso para lá. Você aprendeu o seu lugar e eu impus o meu. Seja um bom cachorro e tudo correrá bem e o jogo segue em paz. Seja um cachorro mau, e eu vou tirar todos esses péssimos modos de você. Entendeu?

Enquanto falava, ele acariciou destemidamente a cabeça em que havia batido tão impiedosamente e, embora o pelo de Buck se arrepiasse involuntariamente ao toque daquela mão, aguentou sem protestar. Quando o homem trouxe água, bebeu com avidez e depois devorou uma generosa porção de carne crua, pedaço por pedaço, da mão dele.

Ele foi espancado (e sabia disso); mas não estava derrotado. Ele viu, de uma vez por todas, que não tinha chance contra um homem com um